

Arte  
Visual  
ensino

AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM

  
Professor Dr. A. Camargo

ARTE . VISUAL . ENSINO  
Ambiente Virtual de Aprendizagem

Professor Doutor  
*Isaac Antonio Camargo*

***Mediação em  
Arte Visual.***



Cursos de Artes Visuais  
Faculdade de Artes, Letras e Comunicação  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

*A Mediação em Arte Visual* pode ser considerada como um desdobramento da *Mediação Cultural* que se refere, em geral, aos modos e maneiras de promover a interação entre objetos culturais e seus usuários.

Tem função ativa e transformadora atuando no processo expositivo. Contribui para a informação, construção e difusão do conhecimento no campo sociocultural como uma *Instância Mediadora* tornando possível a compreensão das manifestações artístico-culturais.

Todo e qualquer contexto cultural é passível de mediação, seja: patrimônio cultural, histórico, ambientes arqueológicos, edificações, parques, reservas ambientais, museus, galerias de arte, zoológicos, aquários, jardins botânicos, enfim, tudo o que foi produzido pela cultura possui história e informações que geram conhecimento, por isto, há necessidade de promover sua preservação e difusão no sentido de garantir a continuidade de sua existência e manter sua memória.

Para atender aos interesses e características de cada campo podem ser usadas diversas estratégias desde visitas orientadas ou guiadas, caminhadas, palestras, cursos, apresentações encenadas, mostras de obras de arte indicadores e indicações como placas, etiquetas, folhetos, montagens interativas, maquetes, audiovisuais, audioguias e vários outros meios que possibilitem atividades interativas para facilitar e/ou promover apreensão e conhecimento.

Pode-se dizer que a Mediação Cultural tem o objetivo principal de informar, promover a compreensão conceitual, histórica e social das manifestações além de estimular a reflexão, análise crítica e apreciação. O potencial informativo é um fator relevante para o desenvolvimento da mediação em várias áreas do conhecimento e, em especial, para a Mediação Artística na Arte Visual como patrimônio cultural da humanidade.

Com base nestas premissas este material foi organizado para estimular o olhar sobre a questão das Mediações culturais, em especial as artísticas, no que diz respeito à produção de eventos em Arte Visual organizados por meio de Curadorias ou Projetos Expositivos em ambiente privado ou público. O contexto da Mediação é interativo e depende de planejamentos específicos para cada público, campo de ação ou patrimônio cultural, portanto, este material é uma introdução a este assunto.

Pode-se dizer que, no campo da Arte Visual, a *Mediação* acontece dentro de um contexto próprio que pode ser definido, grosso modo, como *Curadoria*. Neste caso as atividades de Mediação fazem parte do contexto da Curadoria entre outras que se desdobram e configuram em diferentes ações e fazeres mobilizando questões relativas à gestão, logística e organização de espaço, período de realização, divulgação e documentação dedicadas tanto à realização quanto à documentação dos eventos artísticos.

As mostras de Arte Visual ocorrem em vários ambientes: Museus, Galerias, Salões privados ou públicos além de ambientes informais, o que interessa aqui são os eventos oficiais ou oficializados em lugares específicos, Aparelhos Expositivos constituídos por estrutura formal em ambientes institucionais como em salas, museus e o contexto urbano como um todo. Pode-se considerar também, intervenções, instalações e demais ocorrências pertinentes ao contexto das manifestações artísticas contemporâneas. O que mais interessa é a frequência pública a estes eventos.

O acesso do público aos eventos é promovido, na maioria das vezes, por meio da visitação presencial, aqui reside a principal motivação para organizar a Mediação e o principal objetivo deste texto. É por meio dela que se realiza a difusão das informações que visam a compreensão e apreensão neste campo. O que importa não é apenas facilitar a visitação, mas todo o processo de planejamento e execução do processo para promover o conhecimento a a partir da mostra e sobre as Obras de Arte.

***Mediação em Arte Visual***

**Objetivos:** Subsidiar o conhecimento sobre Mediação em Arte Visual como estímulo para a realização de projetos e atividades capazes de promover a interação e o conhecimento do público em ambientes artísticos como museus, galerias e demais instituições.

**Objetivo geral:** Apresentar meios e estratégias usadas no contexto expositivo para criar interações informativas entre Obras de Arte, eventos artísticos e diferentes públicos.

**Objetivo específico:** Desenvolver as relações de interação mediadora por meio de dados e informações sobre Obras de Arte a partir de suas características históricas, plástico/visuais, autorais e relações socioculturais.

## **Programa:**

*Tópico I- Cultura e Arte.*

*Tópico II- Arte no Contexto Social.*

*Tópico III- Produção, Promoção, Circuito, Sistema de Arte e Curadoria.*

*Tópico IV- Arte Visual e Mediação.*

*Tópico V- Métodos e Processos Mediadores.*

## **Recursos:**

Textos e imagens contidos em repositório digital - Ambiente Virtual de Aprendizagem:

[www.artevisualensino.com.br](http://www.artevisualensino.com.br)

***Tópico I –  
Cultura e Arte.***

Definir Cultura é tão complexo quanto definir Arte, ou seja, há variações sobre o mesmo tema. O entendimento mais abrangente é o do antropólogo Edward B. Taylor que considera Cultura o complexo social que envolve conhecimento, crenças, arte, moral, leis, costumes e demais hábitos e comportamentos desenvolvidos pela humanidade ao longo do tempo. Neste sentido se opõe ao conceito de Natureza.

A ideia de Cultura em oposição à Natureza considerar que tudo o que resultou da interação humana, seja por inferência, dedução, apropriação, adaptação, construção, elaboração ou projeção deixaram de ser coisas do Mundo Natural e se tornam coisas do Mundo Cultural. Os primeiros atos culturais humanos resultaram da interação social por meio da linguagem, fosse gutural, gestual ou formal como a língua natural. O ser humano é gerador de cultura, tendo ou não consciência disto.

A necessidade de exercer o controle sobre a natureza, o meio e suas condições fez com que a humanidade desenvolvesse estratégias de sobrevivência e buscasse o domínio sobre o mundo natural. Mais tarde e na medida em que as relações sociais avançaram e definiram condutas e comportamentos, passou a exercer o domínio sobre a própria humanidade. O ser humano dominando o ser humano, assim nasce a ambição e o exercício do poder sobre o outro.

A cultura, além das implicações sociais, compreende também a produção de bens materiais e imateriais. Materiais dizem respeito ao domínio econômico sobre a produção e distribuição coisas, em geral. Imateriais dizem respeito às crenças e valores intangíveis que mobilizam o pensamento por meio de mitos, ritos, religiões, moral e demais aspectos ideais, idealizados e/ou simbólicos como, por exemplo, a Arte.

A Arte, como parte integrante e integrada da Cultura, interage com ela de vários modos e nos diferentes momentos e lugares em que surge. Pode-se dizer que as manifestações artísticas acompanham a humanidade desde seu surgimento na pré-história. Obviamente a compreensão que se tem de Arte hoje, é completamente diferente do que se considera Arte no passado. Depende dos modos que humanidade desenvolveu para atender os fins e necessidades típicas dos momentos em que surgiu.

Costuma-se dizer que a Arte, nos primeiros tempos da humanidade era ritualística, ou seja, provocada ou destinada a interações sobrenaturais. A hipótese mais difundida é a de que concebe as manifestações imagéticas da pré-história como um tipo de “magia propiciatória”, meios destinados a induzir ou provocar reações de entidades sobrenaturais, que acreditavam reger o universo ou a natureza, em benefício dos seres humanos.

Segundo o historiador alemão Hans Belting, até o século XIV, as manifestações imagéticas do ser humano não devem ser consideradas como Arte, segundo a concepção que se têm hoje em dia, mas como manifestações ritualísticas, místicas, religiosas, em geral, promovidas por meio de crenças e valores, sendo que o paradigma típico é o Teocentrismo. Segundo ele não haviam outros interesses do que não os míticos, históricos ou Iconológicos.

Mas a partir do século XIV, com o advento do Renascimento, as manifestações imagéticas passaram a ser diferenciadas das anteriores na medida em que passaram cumprir um outro paradigma, o Antropocêntrico. Neste sentido passou-se a valorizar o conhecimento, a razão, a lógica e a ciência e, no contexto das imagens, a valoração dos aspectos naturalistas e uma aproximação maior com a representação do mundo natural e menos do mundo místico.

Na antiguidade ela cumpria a tarefa de “veículo de informação e comunicação” na medida em que era usada em palácios, templos e túmulos para enaltecer, identificar e reforçar crenças e o poder dominante sobre a sociedade. Na Idade Média continua a ser usada assim, mas amplia suas ações dentro de regimes religiosos dominantes e é usada para reforçar, difundir e manipular as pessoas por meio de crenças. A partir da Idade Moderna, muda o foco e é tratada como um campo de conhecimento e formação.

Mesmo assim, ainda tem dependência direta dos patronos e mecenas investem na formação de artistas, por meio da fundação das Academias de Arte e pelo comissionamento de Obras de Arte. Com isto, mantém o domínio sobre artistas e a produção artística dando início ao colecionismo e, ao mercado de Arte. Neste período, a produção de Obras de Arte se intensificou e proporcionou a base para a criação das grandes coleções, das Galerias e Museus sob a tutela dos nobres, mercadores e da religião. Somente a partir do século XIX é que a Arte assume a luta por sua autonomia com o Modernismo.

Como se observa:  
Sociedade, Cultura e Arte  
fazem parte do mesmo  
“pacote”. Uma não existe,  
vive ou sobrevive sem a  
outra, mesmo que em  
alguns momentos estejam  
em confronto ou conflito.

Bem, até aqui foram  
delimitadas três instâncias:  
a Sociedade, a Cultura e a  
Arte. Ressalvo que isto não  
quer dizer que cada uma se  
distingue da outra, mas que  
fazem parte do mesmo  
complexo humano, portanto  
variam com e como ele.

Logo é justificável que se  
estabeleçam meios para  
Mediação do conhecimento  
sobre a Cultura em geral e  
sobre a Arte em especial.  
Contudo a Arte, como se vê  
as condutas, comportamentos  
e conhecimentos não se  
mantiveram iguais com o  
passar do tempo, variaram  
muito e continuam se  
transformando. Neste caso,  
lidar com a Arte como campo  
de expressão, conhecimento  
e apreciação é necessário,  
portanto, a Mediação é  
essencial.

***Tópico II-  
Arte no contexto social.***

Como se viu até agora a relação Cultura e Arte é apenas distintiva já que a sociedade envolve ambas. Neste caso quando se fala em Cultura Artística, quer se referir a um recorte pré-estabelecido que distingue certas manifestações de outras, neste caso, as artísticas das não artísticas. Então como distinguir quais são as artísticas das não artísticas se a sociedade enquanto tal não as categoriza com precisão? Esta é uma primeira questão.

No senso comum “Arte” se refere a muitas coisas que envolvem habilidades, por exemplo: culinária, costura, esporte, artesanato e até algumas que podem ser, de fato, artísticas. É recorrente também chamar de “verdadeira Arte” imagens que revelam destreza na execução e esmero técnico como os que podem ser observados em desenhos, pinturas, modelagem e mesmo em bordados, artesanato ou na apropriação de materiais corriqueiros ou na construção de objetos. Contudo em nenhuma destas situações há qualquer problematização expressiva, conceitual ou proposição estética.

Para facilitar a compreensão do que se entende por Arte, uso a seguinte definição: *Arte é a manifestação estética da humanidade*. Portanto, se refere a um tipo de ocorrência amparada em valores e proposições estéticas realizadas pelo ser humano. Obviamente, variam os modos de fazer, as aparências, os estilos, os conceitos em função do tempo e espaço, como também das transformações sociais, portanto, em cada época e lugar as manifestações artísticas variam e se transformam continuamente, isto define também o conceito de *Validade*.

A ideia de *Validade* diz respeito à sincronicidade das manifestações que ocorrem num dado tempo e lugar de acordo com as características e demandas emergentes naquela época e sociedade. As mudanças das condições socioculturais e espaciotemporais implicam também em mudanças estéticas na medida em que as condições sociais ao mudarem implicam em mudanças nos processos de concepção e criação artística.

Assim surgem categorias como estilos, escolas, manifestos, movimentos e tendências. Estas variações e diferenças também causam estranhamento, pois as manifestações que já se estabilizaram num dado momento histórico são desafiadas ou confrontadas por outras que ainda não se consolidaram, isto incomoda o *status quo* e cria conflitos entre conservadores e inovadores, fazem surgir então os defensores da tradição em confronto com os defensores das mudanças e inovações.

Isto não acontece apenas na Arte, mas nas transformações sociais, sejam econômicas, políticas, industriais ou tecnológicas. Há conformados e conservadores e inconformados e revolucionários. Isto faz parte das transformações que a humanidade vive e da eterna luta entre o poder dominante que impõe seus valores e de um lado os que buscam as transformações e a equalização de outro.

Exercer o poder sobre a sociedade significa restringir, domar ou dominá-la impondo valores, crenças e condições compatíveis com um modelo hegemônico de produção, distribuição e consumo tanto de bens quanto de ideologia, fazendo com que ela se comporte de maneira regular, padronizada e alienada.

Assim o sistema dominante controla tanto os meios de produção, informação e conhecimento.

Desde o século XVIII e XIX a Arte têm procurado estabelecer um contraponto com a sociedade desafinando os sistemas dominantes por meio de manifestações que revelam, denunciam e tentam dialogar com a sociedade em busca da reflexão sobre os valores éticos, morais e políticos. O engajamento de artistas em projetos de crítica social possibilitou, a meu ver, o surgimento das rupturas que, no século XIX, atingiram também os aspectos estéticos.

Se o Romantismo já havia tomado as questões nacionalistas, o Realismo as questões sociais como temas de caráter social e político, o Impressionismo vai manifestar isto na ruptura com as formas hegemônicas e convencionais da tradição típica do gosto burguês. O Expressionismo, por sua vez, vai destituir tanto a forma, quanto as concepções naturalistas do mundo e a quebra das concepções estéticas do passado tradicional.

Este rápido panorama quer demonstrar que as manifestações artísticas estão em constante transformação e que podem estar, ora conformadas ao sistema e ora inconformadas com ele. Assim surgiram as Vanguardas Artísticas e as rupturas relativas ao Modernismo e do Pós-Modernismo ou da Arte Contemporânea nas quais os valores deixaram de ser apenas formais e se tornaram Conceituais.

É necessário reforçar, portanto, que a Mediação deve exercer também uma função crítica. Embora grande parte das instituições que promovem as manifestações artísticas em suas estruturas tenham projetos ideológicos próprios, cabe a quem atua neste contexto, procurar ampliar o espectro de veiculação das informações de tal modo que a visão do público não seja recorrente, reincidente e reprodutora dos mesmos valores, mas que ampliem a capacidade de interpretação.

Obviamente que quem *dita* a história *edita*.

Neste aspecto é que se reforça a necessidade de buscar e informações e tentar gerar conhecimento crítico e não reproduzir valores, conceitos e modelos pré-estabelecidos pelo sistema político e econômico dominante. O tempo atual exige novas percepções sobre o contexto e sobre as manifestações artísticas que nele são realizadas ou que dele decorrem. É necessário um olhar crítico sobre o contexto sociocultural de tal modo que a Mediação não seja apenas informativa, mas interativa.

***Tópico III-  
Produção, Promoção,  
Circuito, Sistema de Arte e  
Curadoria.***

A Produção Artística se refere ao acervo de Obras de Arte realizado pela humanidade ao longo do tempo. O conjunto de manifestações artísticas gerado desde os primeiros tempos da humanidade é imenso e os conhecimentos decorrentes dele também. Neste caso as estratégias de Mediação ou Promoção destes conhecimentos devem levar em conta que tais manifestações foram surgindo e se transformando em função de processos, procedimentos, conceitos e recursos técnicos e tecnológicos.

Pode-se dizer que as primeiras apreciações eram realizadas na presença física das imagens pelos espectadores num dado momento e lugar. Isto não significa que tais espectadores fossem capazes de compreendê-las e toda sua amplitude técnica, conceitual ou estética, apenas que tinham acesso pessoal a algumas delas. Especialmente aquelas disponíveis no meio ambiente. Pode-se dizer também que a Mediação dependia de crenças, rituais ou da simples apreensão visual.

Mais tarde vão surgir opiniões, pareceres, descrições e debates sobre imagens nas falas de alguns filósofos gregos se dedicaram a refletir sobre elas em suas ilações. Os textos que chegaram até os dias de hoje dão conta disto. Neste caso, pode-se dizer que as Mediações deixaram de ser rituais e afetivas e passaram a ser verbais e “explicativas”, mas ainda não eram resultado de um campo específico de conhecimento, mas sim de especulações.

O uso místico ou religioso das imagens que as amparou desde a antiguidade, passou pela Idade Média e justificou até a fala do Papa Gregório Magno orientando seu uso didático para informar aos não letrados as passagens bíblicas ou a vida de mártires e santos. Neste caso a “mediação” assumia função informativa e didática mas continuou sendo mística até o Renascimento, mesmo nele ainda recorria e evocava as mitologias por meio de suas alegorias ao reproduzindo feitos de deuses, heróis, reis e guerreiros.

Os componentes Simbólicos das imagens são tão importantes quanto seus componentes laborais, processuais, técnicos, plásticos, conceituais, ou estéticos, portanto, mediar não é apenas descrever o que se encontra diante de si, mas orientar os espectadores para a compreensão dos vários níveis e camadas que constituem as Obras de Arte ou com que se relacionam ou ao que se referem. Uma imagem nunca é só uma imagem. Costumo dizer que *Imagem é uma configuração visual geradora de sentido.*

O hábito de apreender as imagens apenas pela sua figuração ou aparência como se fossem sempre a representação de algo, é bastante limitado pois seus sentidos não se esgotam aí. Há necessidade de ir além da forma pura e simples em busca de outras relações capazes de ampliar a compreensão que se possa ter delas. A relação com o contexto e o período no qual originaram são aspectos importantes para iniciar ou amparar sua compreensão.

Onde, quando, como, porque e por quem as imagens foram produzidas é um bom roteiro para iniciar um projeto de Mediação. Estes são os referenciais utilizados, em geral, por instituições de Arte como galerias e museus, normalmente aparecem em etiquetas junto às obras, nos catálogos e material de divulgação. Logo a mediação de informações podem se iniciar pelas etiquetas e se expandir por outros dados obtidos por edições como folders, catálogos e livros como também por outras mídias de informação disponíveis.

O segundo aspecto aqui indicado é a *Promoção*, ou seja, o ato, ação ou efeito de colocar algo em destaque ou evidência e, neste caso *não se refere ao contexto publicitário ou das mídias de informação e comunicação*. Embora a Mediação dependa da divulgação dos eventos que organiza e promove, o objetivo não é publicitário, mas sim sua inserção e difusão no ambiente cultural que se dá por meio de sua presença no Circuito de Arte.

O conceito de *Circuito de Arte* pressupõe a entrada das Obras de Arte no contexto social. Ou seja, sua participação e permanência no meio social constituído pelos meios de apresentação e permanência neste meio. A partir daí passa a integrar o *Sistema de Arte* como um todo. O Sistema de Arte é o conjunto constituído pelos produtores, difusores, comerciantes, pessoas e instituições promotoras ou de ensino, mantenedoras e expositoras de Obras de Arte, entre outras instâncias similares.

Os processos de Mediação não podem ignorar a existência das várias instâncias de promoção, preservação e difusão artísticas que foram surgindo ao longo do tempo e que participam do processo constitutivo das várias abordagens deste campo de conhecimento. Há ainda um outro conceito que surgiu nas últimas décadas do século passado que é o de Curadoria, o processo organização e produção de eventos em Arte Visual promovido por indivíduos ou instituições com o fim de dirigir o processo de apresentação e difusão das mostras e eventos em Arte Visual.

O conceito de Curadoria compreende a pesquisa, seleção, organização e montagem de eventos, em geral, expositivos. O curador é a pessoa que, neste caso, atua também no contexto da Mediação na medida em que cabe a ele o papel de idealizador, produtor e às vezes gestor de mostras e eventos nesta área. A curadoria implica em pesquisa, crítica e reflexão. Um projeto só se concretiza por meio de vários estágios de relações e negociações entre pessoas, profissionais e instituições. Neste sentido os processos de Mediação podem ser facilitados pelo conjunto de dados levantados para a produção dos eventos.

Isto quer dizer que a Mediação em Arte Visual deve ser feita por meio de Curadoria?

Não! Nem sempre as mostras institucionais, sejam públicas ou privadas, são organizadas por meio de Curadorias.

Pode-se dizer também que a Curadoria é um estágio mais amplo, mais completo e complexo de Mediação. Como na Arte Visual não há regulamentação profissional, também não há restrição ao exercício de funções.

Pode-se dizer também que Mediação não é uma profissão mas uma função decorrente dos processos de difusão cultural. Preparar Mediadores culturais é uma preocupação que as instituições têm em relação às interações necessárias entre elas, seus acervos e os processos de acesso e promoção do conhecimento para os visitantes ou o público em geral. Portanto cada instituição investe na mediação de acordo com suas possibilidades, tipo ou especialidade do acervo que detém ou expõe.

O Sistema de Arte, como tal, é composto de instâncias distintas e interconectadas, pelo menos três são facilmente identificadas: A *instância Produtora*, a *Instância Mediadora* e a *Instância Receptora*. Vale esclarecer que o que estou chamando aqui de Instância Mediadora, *não é o mesmo que Mediação Artística* como está sendo abordada aqui no contexto da Arte Visual. Qualquer uma das instâncias aqui apontadas podem ser Mediadas.

A *Instância produtora* é, obviamente a dos produtores de Arte. A *Instância Mediadora*, se constitui de comerciantes, marchands, galerias e também de instituições destinadas a ensinar, estudar, pesquisar, coletar, conservar e promover Arte. A *Instância Receptora*, é a do público em geral e a que mais depende das informações e da mediação, são os fruidores, espectadores ou apreciadores.

Portanto, no Sistema de Arte, as atividades de Mediação estão localizadas e são mais necessárias na segunda e terceira instâncias que compreendem a difusão e o ensino. A difusão diz respeito as informações da área de atuação e sua comunicação no meio social e o ensino diz respeito às estratégias de produção e promoção do conhecimento nesta área. Como se vê o Sistema de Arte como um todo depende da Mediação.

Então, ao olhar para o Sistema de Arte, é possível identificar o “*lócus*” em que a Mediação ocorre ou pode ocorrer, no início desta fala, aponte algumas possibilidades. Agora vou explicitar tais ocorrências no campo da Arte Visual.

Primeiramente é necessário esclarecer que a Mediação deve ocorrer, de preferência, na presença da Obra e do Espectador. Não se trata, neste caso, de acessar uma obra pela ilustração de uma imagem em um livro ou na rede mundial de computadores, mas na relação “ao vivo” com ela.

A facilidade de acesso às imagens que mostram, representam, documental ou registram algo, dão a sensação de “já ter visto”, portanto, parece ser desnecessário estar diante de uma Obra de Arte para “conhece-la”. Este é um dos grandes enganos que a mídia de informação induz as pessoas a cometer. Ao ver uma reportagem sobre a Bienal, por exemplo, não significa ter ido a mostra. Do mesmo modo que assistir a um documentário sobre ela não significa conhece-la, mas obter informações a seu respeito.

O mesmo pode ser dito das mostras, exposições ou visitas “virtuais” promovidas por instituições de Arte como galerias ou museus no mundo todo. Isto não significa mediar, mas informar, pois as obras permanecem à distância e convertidas em imagens digitalizadas que não correspondem, de fato, ao que são enquanto manifestações físicas, sensíveis e presentes no Mundo Natural assim como os espectadores.

Pode-se dizer que um audiovisual sobre uma Obra de Arte pode ser um meio de “mediar” a relação entre ela e a apreciação, mas isto é apenas uma simulação, um subterfugio, que reforça o distanciamento e não a aproximação com a produção artística. Bem, neste sentido é necessário identificar os ambientes em que a mediação pode ocorrer. O primeiro deles são os monumentos onde as obras residem. Grande parte da produção artística das antigas civilizações é integrada a arquitetura.

As grande civilizações da antiguidade como as da Mesopotâmia, Egeia, Egípcia, Grega e Romana, entre outras, são acessíveis no local em que surgiram e onde ainda há vestígios de sua produção. Neste caso os Sítios Arqueológicos que as delimitam são ambientes nos quais pessoas especializadas podem facilitar o acesso às informações sobre elas e promover a compreensão e ampliar o conhecimento sobre tais manifestações.

Não quero dizer que estes sítios devem ser obrigatoriamente visitados, mas se o interesse for o estudo e o conhecimento de tais obras não há alternativas senão ir até elas. Livros, outras publicações e acesso virtual a elas podem servir de informação sobre elas mas não suprem a relação pessoal com elas. Obviamente que para ter acesso a elas há que se despendem valores muito altos, o que não é o caso da maioria das pessoas interessadas.

Ao mesmo tempo, é possível, em algumas cidades no Brasil, por exemplo, ter acesso a sítios arqueológicos, antropológicos, museus, galerias e locais históricos e culturais que estão próximos das pessoas, mas que por falta de informação e difusão acabam não sendo visitados. A falta de hábitos culturais é o resultado de uma educação precária e sistematicamente restritiva. O acesso ao conhecimento passa a ter também valor econômico e distinguir quem pode e quem não pode obtê-lo. A mediação tem também por meta reduzir as diferenças socioculturais.

O segundo “lugar” em que Obras de Arte podem ser visitadas são as instituições destinadas a exposições, mostras, guarda, conservação e preservação. Como Galerias, Museus e demais institutos de Arte, públicos ou privados. Normalmente estes ambientes especializados mantêm processos de mediação e mediadores preparados para facilitar o acesso dos visitantes às obras e à sua compreensão. São os espaços mais adequados e preparados para que as mediações ocorram.

Contudo há ainda ambientes e setores em que a Mediação é “Informal” ou improvisada. É o caso de locais turísticos nos quais não há interesse de instituições públicas ou privadas em manter estruturas de informação nestes locais. Neste caso, os próprios residentes se dispõem a realizar algum tipo de mediação. O problema é o risco de que tais informações, não tenham sido obtidas de fontes fidedignas e apenas reproduzam saberes do senso comum e não dados históricos e culturais efetivos.

É possível perceber que a Mediação é importante mas também se percebe que é precária na medida em que não se constitui uma área prioritária para muitas instituições de proteção, guarda e preservação patrimonial. Neste caso, é necessário investir na educação e intensificar as informações sobre o patrimônio cultural para minimizar esta lacuna e como pensar em estratégias de intensificar a Mediação em Arte Visual.

***Tópico IV-  
Arte Visual e Mediação.***

Primeiramente é preciso reforçar que Arte Visual, hoje em dia, não corresponde apenas ao contexto das imagens. O repertório imagético construído desde os primeiros tempos da humanidade foi ampliado. Ele inclui tanto as primeiras imagens realizadas na pré-história, na antiguidade, na Idade Média, na Idade Moderna e Contemporânea, logo, não há apenas um tipo de imagens mas vários tipos delas e muitas outras manifestação expressivas que não comportam ou não são se revelam por meio de imagens.

Na medida em que a sociedade mudou, mudaram também a aparência, a função e configurações imagéticas. A partir do século XX, especialmente, em meados dele, foram incorporadas à Arte Visual outras modalidades expressivas que não operam apenas por meio de imagens, mas através de performances, intervenções e instalações que, nem sempre, geram imagens, mas que estão presentes e constituem novos capítulos na História da Arte contemporânea, portanto, não podem ser ignoradas sob pena de perder as transformações recentes neste campo de conhecimento.

Da pré-história ao século XIX a maior parte das imagens foram produzidas pelas mãos humanas e em sua maioria sua aparência dialogavam com o entorno por meio de observação, cópia, imitação, reprodução, sugestão ou imaginação que, mesmo sendo fruto da mente, não se afastavam totalmente da figuratividade inspirada no mundo natural. Embora no Período Moderno o advento do Renascimento tenha refinado a lógica naturalista, pode-se dizer que a figuração das imagens não se afastou tanto da visualidade do mundo natural.

Desde o Renascimento as tentativas de instrumentalizar os processos de criação de imagens já se manifestava como o uso da Câmara Escura. Apenas na segunda década do século XIX é que foi possível obter imagens através da luz com o uso de aparelhos óticos e registros químicos. Ao surgirem as primeiras fotografias, o paradigma da produção de imagens se deslocou da produção manual para processos técnicos realizados por meio de aparelhos. Em fins deste mesmo século, ocorre uma mudança de paradigma conceitual: a ruptura entre a visão acadêmica clássica e tradicional para a visão Modernista.

A inserção das Imagens Técnicas produzidas por aparelhos como a fotografia, depois o cinema, mais tarde o vídeo e os meios digitais de produção levaram ao audiovisual e seus desdobramentos atuais como a realidade virtual e expandida.

Se o Modernismo confrontou a tradição, mas o próprio Modernismo instaurou os meios para seu próprio fim, ou seja, construiu as bases para o Pós-Modernismo desde o Dadaísmo, a Arte Conceitual e Minimalista instaurando as tendências contemporâneas multimidiáticas. A ruptura de paradigmas parece ser uma constante neste campo.

Desde a ruptura com a visão tradicional de Arte instaurada pela antiguidade clássica greco-romana e revivida pelas academias do Renascimento, depois reforçada e difundida pelo Neoclássicismo das escolas de Belas Artes francesas é faz do Modernismo um marco de transformação que também se volta contra ele por meio do Pós-Modernismo que, hoje em dia, começa a ser contestado pelo surgimento de uma nova tendência, o Meta-Modernismo.

Mesmo após a ocorrência das Vanguardas Artísticas, não aconteceram mudanças substanciais nos modos de fazer, apenas atualizaram e passaram a explorar e experimentar novos materiais e soluções plásticas. Os processos técnicos instaurados anteriormente permanecem. A principal mudança ocorre quando as Imagens Técnicas passam a ser aceitas como poéticas artísticas em “pé de igualdade” com os demais modos de criação de imagens manuais, a partir de então o nome muda de Artes Plásticas para Arte Visual.

A Arte Visual é um termo mais abrangente na medida em que mantém as práticas plásticas anteriores e incorpora as práticas tecnológicas. Assim fotografia, cinema, vídeo e audiovisual passam a fazer parte deste universo estético. Entretanto, outras tendências surgiram a partir do Modernismo, entendidas aqui e ali como Pós-Modernas. É o caso das manifestações Conceituais, Instalações, Intervenções ambientais, espaciais, Performances em ambiente e/ou em rede. Assim o quadro estético da contemporaneidade se completa.

Portanto, quando se fala em Arte Visual, nem sempre se refere apenas a visualidade mas a apreensão sensível integral. Uma instalação, por exemplo, não é apenas “Visual” mas *Imersiva* pois requer não só o sentido da visão, mas o tato, audição, em alguns casos o olfato e em outros até o paladar. Enfim, chamar a tudo isto de Arte Visual é reduzir muito os processos produtivos e de significação e conseqüentemente os processos de apreciação.

Daí a importância que as Curadorias e Mediações passaram a ter desde as últimas décadas do século passado. Tendo tais aspectos em vista, é necessário estabelecer estratégias de aproximação com as Obras de Arte Visual. Uma das principais questões é pensar no público para o qual se elaboram as Mediações em relação às suas características sociais, faixa etária ou condições e/ou limitações. Assim é possível estabelecer um caminho para a elaboração de projetos de Mediação.

Pode-se começar pensando em ***Tipos de Mediação***.

Se a Mediação é uma ponte entre as obras e seus espectadores, como definir, construir, formatar ou escolher estas pontes?

Então: planejar é preciso!

Qualquer planejamento que se preze deve levar em consideração ***o que, como e para quem se planeja***.

Um bom planejamento deve considerar as variáveis possíveis no que diz respeito a condições logísticas e aos públicos que visa ou acederá ao evento.

Quando se fala de Mediação em Arte Visual, o objetivo é promover o conhecimento sobre ela. As Obras de Arte possuem e/ou apresentam características formais, matéricas, constitutivas, estilísticas e conceituais diversas. Então como realizar mediações diante de tal complexidade?

Aqui entram os especialistas, pesquisadores e estudiosos. A mediação começa pelo conhecimento daquilo que se pretende mediar e os modos de fazer isto.

Uma coisa que deve ficar clara quando se dispõe a Mediar a interação com Obras de Arte é não deixar a apreciação em aberto, mas ordená-la em função de dados contidos nelas como origem, autor, lugar, período, procedimentos técnicos, materiais e proposições para o aqui e agora. A apreciação deve ser revestida de informações, relações e correlações capazes de gerar informações e conhecimento com o cuidado de não enaltecer gostos, preferências pessoais ou preconceitos em relação às Obras.

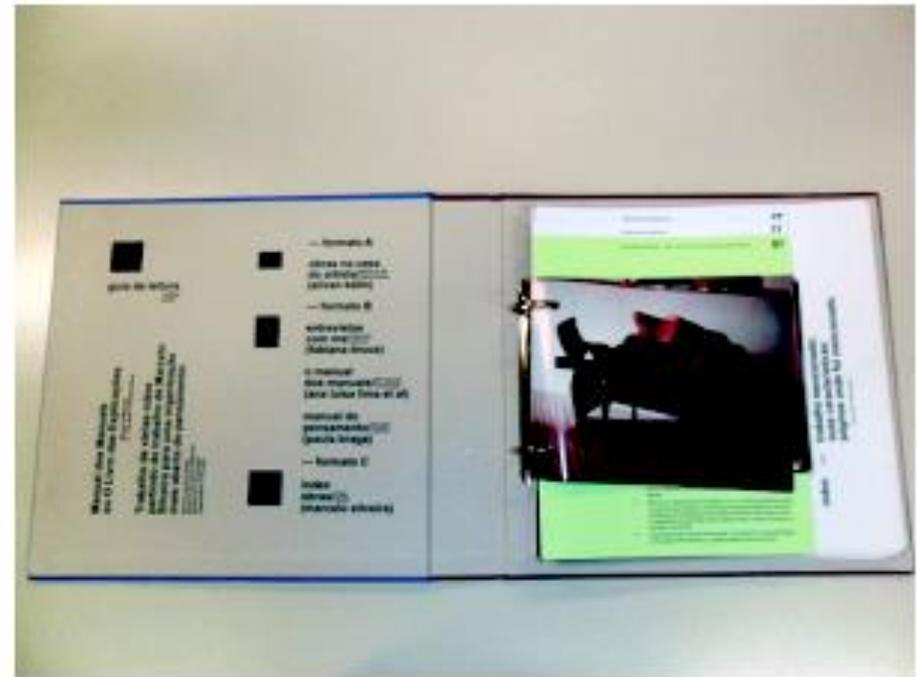
Toda Mediação se origina e se ampara nas Obras e não em inferências especulativas e aleatórias que podem ser sugeridas ou estimuladas por ela. Ela *é o que é* e deve ser respeitada por isto. Aplicar os valores vigentes de hoje às obras do passado ou de outras épocas às de hoje é falsear suas identidades e história. A mediação deve respeitar as determinantes socioculturais que a geraram, daí a importância da interação dos segmentos públicos com tais Obras.

Pode-se tentar estabelecer uma *tipologia* de Mediações tomando por base, por exemplo, as obras e suas características, suas condições técnicas e de apreciação e a disponibilidade dos locais em que se encontram entre outros dados necessários e passíveis de identificação. Primeiramente, é necessário pensar em **que e para quem** consiste a Mediação Artística, depois nas *possibilidades de abordagem* como: *educativa, museográfica, comercial, informal, etc.*

Assim a *Mediação Artística* se refere às estratégias adotadas para estabelecer uma relação de apreensão e compreensão dedicadas às Obras de Arte Visual tendo como referência sua produção, características formais, qualidades plásticas e visuais, substâncias de expressão e demais fatores que determinam sua existência, enquanto manifestação sensível acessível aos sentidos, bem como, sua autoria, período, estilo, escola, tendência entre outros dados e fatores relevantes.

Em síntese, são estes dados ou parte deles que compõem os processos de identificação e classificação das Obras de Arte Visual em instituições destinadas a sua guarda e conservação. Uma *ficha de tomo*, por exemplo, é um registro produzido sobre uma obra para preservar seus dados técnicos, ou seja, não conceituais, analíticos ou críticos, mas apenas os que dão conta de sua existência física e preservação. Serve de referência para formular etiquetas de identificação em mostras. A imagem ao lado foi tomada da coleção de livros de Artista, USP – MAC.

<http://eprints.rclis.org/24629/1/Laucicole%20C3%A7aolivro.pdf>



Escolher formato: [Título](#) | [Foto](#) | [Formato Reduzido](#) | [Ver mais MAC](#) | [Cancelar MAC](#)

Registro 1 de 1

No. Registro: 002218827

Tipo de material: LIVRO DE ARTISTA

Entrada Principal: [Silveira, Marcelo](#)

Título: [Manual dos Manuais ou Livro das escolhas / Fabiana Diniz \(texto\)](#)

Legenda: Recife : Editora Apicóps, 2011.

Descrição: 1 v. + 1 cartaz. : il.

Idioma: Português

Nota: O livro é composto por entrevista com o artista [Marcelo Silveira](#), com imagens de seus trabalhos, fotografias, poesias e críticas.

Resumo: Textos em português e inglês

Assunto Pessoa: [Silveira, Marcelo](#)

Assunto: [ARTE CONTEMPORÂNEA -- SÉCULO 21 -- BRASIL](#)  
[ARTE CONTEMPORÂNEA](#)

Acervo Geral: [Todos os itens](#)

Itens na Biblioteca: [Museu de Arte Contemporânea](#)

Escolher formato: [Título](#) | [Foto](#) | [Formato Reduzido](#) | [Ver mais MAC](#) | [Cancelar MAC](#)

Registros e fichamentos normalmente são atribuídos a Obras Acervadas e dão conta de suas condições físicas e conceituais. No entanto, não são destinadas a Mediação com o público por serem muito técnicas, mas facilitam a elaboração das *etiquetas de identificação* disponíveis junto às obras para atender ao tipo de mostra organizada e apresentada ao público a que se destina. Esta é uma das tarefas para a mediação: elaborar fichas adequadas ao público e ao evento.

As fichas de identificação auxiliam os visitantes com informações sobre as Obras e autores, mas não cobrem o processo de mediação como um todo.

A parte mais importante da Mediação é *quem faz, como faz e para quem faz*.

Mediadores são pessoas preparadas para orientar espectadores e apresentar cada tipo de obra em cada tipo de mostra com o fim de facilitar tanto o processo informativo quanto reflexivo sobre elas numa mostra, num ambiente, num museu etc.

Neste caso pode-se destacar um primeiro tipo de Mediação é a *Mediação Guiada*. Costuma-se chamar assim a esta atividade, quando há a presença de um Mediador, cuja função é guiar/orientar a visita. As funções de Mediação implicam em informações e conhecimentos específicos e dirigidos para os diferentes públicos, logo, não há um só tipo de Mediação, mas vários de acordo com as obras e características dos grupos de visitantes.

A ideia de *Guia* é também e em geral, atribuída ao conjunto de normas e procedimentos que orientam condutas, percursos e informações em instituições da Arte ou de outras áreas. Os museus e instituições que mantêm coleções, arquivos e os expõem, conservam e preservam, costumam editar guias de visita para facilitar a vida dos visitantes. Um exemplo é o Guia do Museu Imperial do Rio de Janeiro:

[https://museuimperial.museus.gov.br/images/flippingbook/guia\\_de\\_visitacao/guia-visitacao.pdf](https://museuimperial.museus.gov.br/images/flippingbook/guia_de_visitacao/guia-visitacao.pdf)

Outra nomenclatura que aparece no contexto da Mediação é a de Monitoria. Cabe esclarecer que, neste caso, a definição de Monitoria não deve ser confundida nem se igualar à de Mediação na medida em que não são a mesma coisa. Em geral, no contexto do ensino superior, a figura da Monitoria se refere aos estudantes que se dispõem a auxiliar os colegas no desenvolvimento de atividades pedagógicas em disciplinas para as quais se inscreve em colaboração com docentes para apoiar atividades de caráter didático-pedagógicas dos conteúdos disciplinares.

Para “guiar” os visitantes não basta indicar o caminho, percursos expositivos, mas sim facilitar a apreensão e compreensão das obras e da mostra em si. A Mediação, em geral, está vinculada a *projetos educativos* dos ambientes culturais e artísticos com a finalidade tanto de orientar as visitas quanto de informar e promover o conhecimento sobre obras e condições gerais dos eventos nos quais esta atividade se insere. É importante o preparo das pessoas que exercerão a Mediação pois são elas que informarão e estimularão visitantes a apreenderem e aprenderem algo à respeito das Obras de Arte.

O Guia pode ser a pessoa que orienta as visitas, muito comum em instituições e ambientes turísticos.

A ideia de *Mediação Guiada*, portanto, consiste na presença de um guia, que irá auxiliar a visita seguindo um roteiro planejado para proporcionar aos visitantes informações suficientes para esclarecer e promover o conhecimento sobre as características e detalhes da mostra. É isto que se propõe como atividade de *Mediação em Arte Visual*.

Para organização desta atividade é desejável a participação nas diferentes etapas da Curadoria de produção de uma mostra de Arte Visual. O conhecimento sobre a mostra e compreensão dos detalhes, informações técnicas, estéticas e conceituais do que irá ser apresentado é essencial para atuar com eficiência em eventos deste tipo. No caso de mostras já prontas ou itinerantes, é necessário participar das orientações ou treinamentos e dominar os dados relevantes.

Um segundo tipo é a *Mediação Virtual*.

Hoje em dia muitas instituições estão disponibilizando “*guias virtuais*”, ou seja, transformando a presença de mediadores em *áudio guias* ou *audiovisuais* disponíveis em vários idiomas inclusive por meio de aplicativos para aparelhos celulares com acesso a dados em aparelhos móveis. Neste caso a Mediação não é feita por uma pessoa que dá assistência aos visitantes, mas por “*assistentes*” virtuais em programas digitais.

Embora possa haver certas limitações nas mediações virtuais, o hábito crescente da população, em especial os mais jovens, de acessar recursos virtuais, torna possível o uso desta estratégia por diferentes motivos, um deles é a facilidade do uso de plataformas digitais como repositório de dados que podem ser atualizadas continuamente; outro pode ser a manutenção de material de apoio para guias de visitação em recursos virtuais como *podcasts* por exemplo.

Um terceiro tipo é a *Mediação Educativa*.

Esta é a mais eficiente e menos suscetível de substituição, já que o trabalho didático e pedagógico é pessoal e intransferível. É comum as instituições artísticas contarem com equipes pedagógicas para preparar material, processos de visitação e percursos guiados oferecendo à comunidade e às escolas a possibilidade de atendimento dos estudantes nos eventos por elas promovidos, garantindo a compatibilidade com o nível de formação educacional.

O quarto tipo pode ser o da *Mediação Museográfica*.

A Museografia é o campo de estudos dedicado configuração da estrutura expositiva de um museu com base nas características históricas ou artísticas de seu acervo e, por consequência, a maneira como são definidas as estratégias de apreensão mediante os percursos, procedimentos técnicos e materiais dos dispositivos utilizados na interação com o público.

Uma questão essencial e importante no contexto da Mediação é a da *Acessibilidade*. Há pessoas com dificuldades, deficiências e necessidades que requerem condições especiais para visitação. As mais comuns são as que apresentam limitações em relação ao espaço como o caso dos cadeirantes, para tanto, deve-se prever rampas de acesso e condições de deslocamento no ambiente para estas pessoas.

Contudo, há pessoas portadoras de outros tipos de dificuldades e limitações como auditivas e visuais. Neste caso, há necessidade de projetos e/ou programas especiais para atendimento deste grupo de pessoas. No caso da surdez, pode-se recorrer a mediadores especializados ou a vídeos acessíveis por meio de aplicativos digitais com interpretes em Libras. No entanto, no caso de limitações visuais, a situação é mais complexa.

Os portadores de deficiência visual podem ser cegos ou de baixa visão, qualquer um deles depende de condições especiais para acessarem as informações e obterem conhecimento sobre o campo da Arte Visual, portanto, a Mediação deve recorrer a meios e estratégias também mais complexas para proporcionar a eles o acesso a este campo de conhecimento. Algumas instituições têm investido neste segmento por meio de áudio-guias.

O acesso dos portadores de deficiência visual contam com a audição e o tato que podem ser os sentidos estimulados para dar-lhes acesso às informações e conhecimentos sobre Arte Visual. Um primeiro aspecto diz respeito ao deslocamento destas pessoas no espaço expositivo, para isto, é necessário dotar o ambiente de pisos táteis, indicando caminhos e percursos tanto no que diz respeito à visitação quanto aos locais de entrada, escape e segurança ambiental.

Resolvida a questão do deslocamento, resta a questão do acesso às Obras de Arte.

Tradicionalmente as Obras de Arte Visual se manifestam categorias que podem ser bidimensionais, tridimensionais e/ou ambientais como instalações e intervenções. As tridimensionais como objetos, esculturas e montagens podem ser tocadas e daí é possível inferir formas e demais características como textura, material etc. Mas as ambientais não.

Ambientais e bidimensionais não são passíveis de apreensão de informações táteis. O mais comum é o uso de etiquetas em Braille, além disso podem ser realizadas descrições durante o processo de mediação “ao vivo” ou virtual com gravações em *podcast* como já apontado. Neste caso, o auxílio da Mediação se refere ao exercício do guia com apresentação pessoal ou auxílio para conexão de aparelhos digitais audíveis para acesso a tais descrições.

Outra estratégia adotada por instituições de Arte Visual é o desenvolvimento de projetos para a criação de Maquetes nas quais algumas Obra de Arte bidimensionais são convertidas em tridimensionais com o fim de estabelecer relações de caráter informativo/interpretativo para facilitar o acesso destas pessoas às Obras, abreviando ou minimizando a dificuldade que elas têm para acessá-las visualmente.



Um bom exemplo é o Programa Educativo para Públicos Especiais - PEPE, da Pinacoteca de São Paulo, no qual é disponibilizado o acesso tátil a esculturas e o acesso a maquetes realizadas a partir de obras bidimensionais do acervo.

*Mediação Compartilhada.* Quando se trata de obras complexas ou que apresentam recortes variados. Por exemplo, uma obra de um dado período pouco conhecido, de um artista diferenciado, de origens não reconhecidas ou não facilmente compreendidas, há a possibilidade de recorrer a mais profissionais para estabelecerem processos mediadores compartilhados com o fim de cobrir a maior parte das informações necessárias para sua compreensão.

Pode-se falar em *Mediação Comercial*, quando se trata de Galerias dedicadas ao comércio de Obras de Arte. Neste caso, em boa parte delas, os mediadores são os proprietários que detêm as informações necessárias sobre as obras, bem como sobre seu público preferencial, colecionadores e clientes com os quais negocia. Muitas galerias contam com assessorias, curadorias e mediadores que também atuam na mediação comercial.

Há ainda a possibilidade de ocorrerem *Mediações Informais*, ou seja, tentativas de estabelecer uma relação entre obras e apreciadores por meio de informações não programadas nem planejadas. Isto pode acontecer quando a instituição não investe em profissionais especializados para elaborar, apresentar e/ou acompanhar visitantes. Isto corre o risco de promover desestímulo já que, nem sempre, as informações disponíveis são completas ou fidedignas. Seria o pior caso de mediação possível.

Talvez este seja um caso de “*contra-mediação*”, isto não parece ser incomum nesta área já que o preparo educacional no campo da Cultura, em especial, da Arte Visual, é bastante precário. Também não é incomum, quando se visita uma instituição deste tipo que não conta com recepção ativa para apresentar e mediar a visita. Em geral, o mínimo de orientação é dado por atendentes ou vigias que, por pena ou hábito, tentam ajudar...

***Tópico V-  
Métodos e Processos  
Mediadores.***

Ao pensar sobre Métodos e Processos para Mediação Artística, é necessário pensar também nos vieses que surgem ou estão implicados nestes procedimentos já que instituições e pessoas estão impregnadas de ideologia, portanto, que tipo de mediação e com quais objetivos é traçada. Nesta linha de raciocínio é impossível considerar a Mediação como uma “Tradução” de valores das obras para outros meios e processos informativos e/ou educativos.

Como se sabe, o campo da Arte Visual é bastante complexo e dependente de conhecimentos específicos, portanto os Métodos e Processos variam caso a caso. Não há como estabelecer um só método ou um só processo para realizar projetos de mediação que sirvam para todas as circunstâncias, mas, trabalhar em cada uma das mostras e proposições segundo critérios específicos, por isto deve-se considerar as variações.

Contudo, as questões que mobilizam os projetos de Mediação devem levar em conta alguns parâmetros comuns. Para isto é necessário estabelecer algumas referências para o planejamento de processos mediativos. Neste sentido podem ser destacados alguns aspectos que atendam a todos eles, por exemplo, definir os *Estágios* e *Etapas* envolvidas na elaboração e planejamento de atividades mediadoras que possam auxiliar sua configuração.

Pode-se dizer que há dois estágios principais na realização de projetos de Mediação em Arte Visual: Planejamento e Execução, cada um deles depende de algumas etapas de realização.

O Planejamento inclui:

- 1- Escolha ou identificação do tema, objeto ou objetos destinados à mostra.*
- 2- Características e necessidades inerentes à escolha e seus destinatários.*
- 3- Necessidades relativas ao ambiente da mostra, estrutura física, mobiliário e dinâmica de circulação, cuidados e proteção no espaço.*

Obviamente que esta lista pode ser ampliada na medida em que gestores, curadores e mediadores concordem quanto aos detalhes de cada mostra em função de suas características formais, estruturais e dimensionais.

O Planejamento tem por finalidade prever e facilitar a execução do projeto, portanto, quanto mais detalhado, melhor. Improvisar não é uma boa opção!

Executar é colocar algo em funcionamento, ou seja, fazer com que algo planejado, seja realizado, de preferência, sem nenhuma falha. A Mediação é uma das partes do Projeto Curatorial e/ou Expositivo de uma instituição ou evento de Arte, é a que promove a interação com o público e mostra sua eficiência em cumprir sua principal função social que é promover conhecimento e difusão cultural. Neste sentido, é importante que a visitação seja bem feita para o sucesso do evento.

Pode-se então destacar algumas Funções da Mediação:

*Promover a Interatividade entre obras e público conectando saberes.*

*Criar relações dialógicas entre as obras e as pessoas evocando aspectos históricos, estéticos, conceituais e afetivos.*

*Destacar relações e vínculos socioculturais entre o contexto das obras e suas relações com a atualidade.*

*Estimular a integração das informações e conhecimentos aos valores estéticos e conceituais vigentes.*

Ao criar meios e procedimentos que facilitem a construção de processos mediadores, ainda assim a sua execução depende do conhecimento, domínios, habilidades esforço das pessoas que se dispõem a atuar neste segmento profissional.

Vale destacar que esta é uma área de atuação profissional, mesmo sem regulamentação específica, é uma função a ser cumprida em grande parte dos eventos artísticos.

Neste campo estão relacionados domínios e conhecimentos artísticos para planejamento e realização de tais projetos. Os domínios dizem respeito às habilidades pessoais afetivas como sensibilidade, percepção, reflexão e imaginação, mas os conhecimentos são adquiridos. Pode-se dizer que os principais são:

*Conhecimento sobre Arte Visual; conhecimento sobre as Obras de Arte; conhecimentos sobre autoria, períodos, estilos e tendências.*

É desejável que tais conhecimentos já estejam de posse de quem realizará as atividades de Mediação, no entanto, tais atividades podem ser realizadas a partir de cursos e treinamentos promovidos pelos Núcleos Educativos de instituições preparando-as para cada mostra ou evento. Esta responsabilidade cabe aos promotores do evento, curadores, diretores e/ou responsáveis por acervos. O que não se pode perder de vista é que a *Mediação é também Educação.*

A demanda por profissionais nesta área cresceu muito com o avanço de instituições dedicadas a eventos expositivos nas últimas décadas. Se, por um lado, uma boa parte da Arte Visual contemporânea, está sob a tutela do mercado, de outro, há necessidade contínua de formação de público, este é o nicho preferencial para a Mediação Artística. Eventos expositivos como as grandes mostras institucionais ou as grandes Feiras de Arte que vêm ocorrendo no mundo indicam esta tendência.

A Gestão em Arte Visual ou a Curadoria neste campo dependem de profissionais preparados para interagirem e estabelecerem diálogos com as pessoas. O mundo digital e em rede limita ou diminui as relações sociais pessoais, fazendo com que as pessoas percam os hábitos de conversarem entre si em situação real. Os eventos artísticos são momentos de interação e relacionamentos que, se bem conduzidos, facilitam a apreciação e a valorização das manifestações artísticas.

## **BIBLIOGRAFIA DE APOIO:**

FRANZ, Teresinha Sueli. Mediação cultural, Artes Visuais e Educação. Biblioteca on-line. Santa Catarina, 2008. Disponível em:  
[http://www.redeeducacaoartistica.org/docs/m\\_red/Teresinha%20Sueli%20Franz\\_Mediacao%20cultural%20Artes%20Visuais%20e%20Educacao.pdf](http://www.redeeducacaoartistica.org/docs/m_red/Teresinha%20Sueli%20Franz_Mediacao%20cultural%20Artes%20Visuais%20e%20Educacao.pdf).

HERNANDEZ, Fernando. Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 2000.

LISBOA, Ana. Construção de uma metodologia para mediação: uma experiência no Instituto de Artes Contemporânea da UFPE. In: Arte em Pesquisa: especificidades. (ANPAP). Brasília, 2004, p. 32 a 39.

MARTINS, Miriam Celeste. Mediação: estudos iniciais de um conceito. Blogspot.com. 27 de Junho. 2007, pag 76. Disponível em:  
<http://equipearte.blogspot.com/2007/06/medioestudos-iniciais-de-um-conceito.html>. Acesso em: 20 de abril. 2009.

PILAR, Analice Dutra. Desenho e construção do conhecimento da criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SCHLICHTA, Consuelo A. B.D. Leitura de Imagens: uma outra maneira de praticar cultura. Educação – Santa Maria (UFSM). V. 31 – n. 02, pg. 353-366. 2006.

## **LEITURAS INDICADAS:**

<http://www.forumpermanente.org/>

<http://www.forumpermanente.org/revista/numero-6-1/conteudo/museus-como-zonas-de-contato-j-clifford>

[http://www.forumpermanente.org/revista/event\\_pr/es/simp\\_sem/pad-ped0/documentacao-f/mesa\\_03/mesa3\\_moacir](http://www.forumpermanente.org/revista/event_pr/es/simp_sem/pad-ped0/documentacao-f/mesa_03/mesa3_moacir)

<http://www.forumpermanente.org/revista/rede/numero/numero-nove/revisitando-um-projeto-politico-por-raquel-garbe>

[http://www.forumpermanente.org/revista/event\\_pr/es/encontros/questoes-indigenas-e-museus/relatos/curadoria-exposicao-educacao-e-publicolotti](http://www.forumpermanente.org/revista/event_pr/es/encontros/questoes-indigenas-e-museus/relatos/curadoria-exposicao-educacao-e-publicolotti)

<http://www.forumpermanente.org/revista/numero-6-1/conteudo/da-mediacao-a-mediacao-o-jogo-duplo-do-poder-cultural-em-animacao>

[http://www.forumpermanente.org/revista/event\\_pr/es/simp\\_sem/i-simposio-pesquisa-em-museologia/relatos/mediacao-cultural](http://www.forumpermanente.org/revista/event_pr/es/simp_sem/i-simposio-pesquisa-em-museologia/relatos/mediacao-cultural)

[https://www.brapci.inf.br/repositorio/2018/01/pdf\\_cd350de355\\_0000028818.pdf](https://www.brapci.inf.br/repositorio/2018/01/pdf_cd350de355_0000028818.pdf)